

Underpaitings, o que subjaz uma pintura.

Underpaitings, behind a painting.

Diana Costa

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal.

e

Instituto Politécnico de Beja – Portugal
Rua Pedro Soares 7800-295, Beja Portugal.
dianagodinhocosta@gmail.com

Resumo:

Este artigo propõe apresentar o processo pictórico e operativo do artista visual Victor Costa, e a forma como este se organiza e desenvolve. Os pressupostos fundadores do ato criativo do artista no desenvolvimento de uma obra passam pela e intervenção digital no mapeamento da imagem como estudo visual, pela repetição e pelo uso do padrão.

O que subjaz à pintura do artista, refere-se à transferência da imagem feita de luz/píxels para uma imagem artística elaborado com pigmentos em atelier.

Palavras chave: *Processo pictórico, digital, repetição, padrão.*

Abstract:

This article proposes to present the pictorial and operational process of the visual artist Victor Costa, and the way it is organized and develop. The assumptions founders of the creative act of the artist in developing a work go through a digital intervention in mapping an image as visual study, through repetition and the use of pattern.

What underlies the artist painting, refers to the transfer of the image/pixels for an artistic image made with pigments in studio.

Keywords: *Pictorial process, digital, repetition, pattern.*

Introdução

Os pressupostos fundadores deste artigo residem na prática em atelier do artista Victor Costa - um processo pictórico pessoal de autor, tomado como caso operativo disponível, com abertura para outros possíveis, ao qual se aliam os conceitos de repetição e padrão, que dele emergem, para questionar, como objetivo de estudo, o potencial do estudo prévio na criação do produto final evidenciando a semelhança, a diferença, e acréscimo de sentidos.

Pretende-se evidenciar, desconstruir (apontando vantagens e inconvenientes), e justificar (com potencialidades e condicionantes) a criatividade potenciada pela repetição e pelos meios digitais como meio de estudo de composição.

Tem como finalidade apresentar o potencial do uso da repetição, impulsionada pela manipulação digital e a vontade de criar. A prioridade é conferida à (re)significação do resultado visual alcançado através das composições manipuladas digitalmente, um diálogo entre o manipulável e o digital, integrantes de uma nova

atualidade.

O que subjaz a obra.

A ideia central deste artigo é apresentar o processo operativo do artista visual Victor Costa. A produção estrutura-se inicialmente na exploração do tema através da fotografia, depois na manipulação cromática e compositiva com uso da *repetição* e *padrão* em computador e, finalmente, a sua abordagem física e pictórica através do uso da tinta acrílica sobre tela.

A Arte é o reflexo do imaginário da sua época, e em cada momento da história os artistas produzem as suas obras com as ferramentas disponíveis e atuais da fase histórica em que se enquadram. No enquadramento atual, as novas tecnologias trazem as novas ferramentas e um infindável mundo de possibilidades para se produzir, sentir e até ver a arte. É deste universo que Victor Costa retira possibilidades de manipulação através de computador para a sua prática artística.

O computador tem sido, desde a década de 70, motivo de investimentos em projetos e reflexões, com destaque para o que diz respeito à sua relação com o homem. Potenciando diferentes formas de comunicação num único suporte, os objetos vão-se tornando progressivamente mais integrados no universo da multimédia. Este envolvimento tecnológico reflete-se nas capacidades humanas como outras formas de raciocinar e agir. E a criatividade?

Na procura e reflexão sobre o que fazer, sobre o que criar, Victor Costa vem a direccionar a sua pesquisa processual para um aprofundamento do pensamento operativo e especulativo centrado numa realidade tecnológica, de forma a perceber de que forma o processo operativo pode ser manipulado e acelerado através do computador. Como resultado dessa reflexão e pesquisa, Victor Costa define uma estrutura digital de trabalho.

Num primeiro momento processa-se o registo fotográfico.



Figura 1. Registo fotográfico no processo de pesquisa, 2009. Fonte: Artista Victor Costa.

Após o registo de centenas de fotografias esta foi a eleita pelo artista, aquela que representa melhor o enquadramento e composição necessária ao produto final.

Num segundo momento, a imagem é lançada em Photoshop e manipulada, explorando as diferentes possibilidades cromáticas e compositivas através do uso da *repetição, padrão*, sobreposição de camadas e aplicação de filtros na criação pictórica a partir dos meios operativos da “composição” digital.

O computador enriquece o processo, produzindo uma imagem (virtual) como uma dimensão intermediária entre o projeto e a obra final.



Figura 2. (A, B, C, D, E, F, G, H, I) Estudos digitais, 2009. Fonte: Artista Victor Costa.

A amplitude das possibilidades criadas pelos estudos digitais, possibilita não só um alargamento de horizontes, mas também a intensificação da experiência. A imagem manipula-se e multiplica-se, instala-se como um labirinto, com todas as suas significações por descobrir e que se enquadram em vários tempos e espaços, tornando a eleição da imagem final uma ação fundamental. Assiste-se a uma perda de referências pelo excesso proporcionado pela multiplicação de alternativas (a imagem desvincula-se do seu referente à medida que é multiplicada e alterada), e talvez este seja o seu maior sintoma para construir a sua definição no campo visual e cognitivo. Esta característica parece ser uma apelativa qualidade para o desenvolvimento do projeto do artista.

Se nenhuma pintura conclui a pintura, se mesmo nenhuma obra está absolutamente concluída, cada criação muda, altera, esclarece, confirma,

exalta, recria ou cria de antemão todas as outras. Se as criações não são algo adquirido, não é apenas porque, como todas as coisas, passam, é também porque têm quase toda uma vida à sua frente. (Ponty, 1992: 74)

O produto dos estudos desenvolvidos pode ser considerado como mapa processual ou imagens mapeadas. Se para uma exposição com vinte trabalhos o artista produzir dez estudos digitais para cada um, o universo visual está inevitavelmente multiplicado, tem-se duzentas possibilidades de imagens. Mas apenas uma das dez, ou vinte das duzentas é o mapa que leva o artista ao seu destino.

Mas como é feita essa seleção? Através do processo pictórico pessoal do autor, que visa acentuar a importância de um pensamento plástico sistemático na criação das formas, em intimidade com a racionalização teórica, aí contextualizando a intuição e descoberta de novos significados. Trata-se de colocar em campo a necessidade de criar uma lógica conceptual e perceptiva, criando sistemas caracterizados por meticulosidade, regularidade e *repetição*, de forma a manipular a ordem de entendimento dos diferentes níveis do que se repete, analisando de que forma eles se apresentam, dialogam ou interagem com a realidade criativa/plástica.

Segundo o artista, há uma necessidade de distanciamento temporal, para depois a escolha se tornar mais natural, baseada nos conceitos de composição, cromatismo e harmonia que correspondem aos padrões do artista (que se baseiam na experiência, no passado e na memória). Os resultados globais afunilam numa nova eleição, nova escolha, trata-se de eleger a imagem que se coloca na posição da tela em branco, que na soma dos seus processos consiga agregar as melhores qualidade e variações visuais sugeridas pela *repetição*, variação e sucesso na composição.

A **repetição** revela-se nesta e em toda a obra do artista desde 2007 como conceito operativo, possibilitando diversas apropriações, e como instrumento, criando uma imensa variedade de resultados pelo seu uso.

A ideia de *repetição* é pensada por Victor Costa a partir das noções mais clássicas de série nas artes plásticas para uma expansão contextualizada que afirma um novo pensamento plástico que não só é resultado das tecnologias digitais, como intenção assumida e declarada pelo próprio artista.

A utilização de processos repetitivos permite e recorre ao uso da tecnologia para criar resultados originais. O recurso à *repetição* neste trabalho é da ordem da

ordenação, organização e combinação, e está associado à necessidade de organizar uma rotina, um quotidiano e, simultaneamente, de rompê-la e fazer surgir algo novo.

A *repetição* ocorre como método, conceito e prática (aplicação do conceito) e recurso artístico, sendo elemento integrante da produção e estando patente na composição da obra final.

Através da formação continuada de imagens, o artista pretende com a *repetição* responder ao desvanecimento do que é real, no esforço de manufaturá-lo.

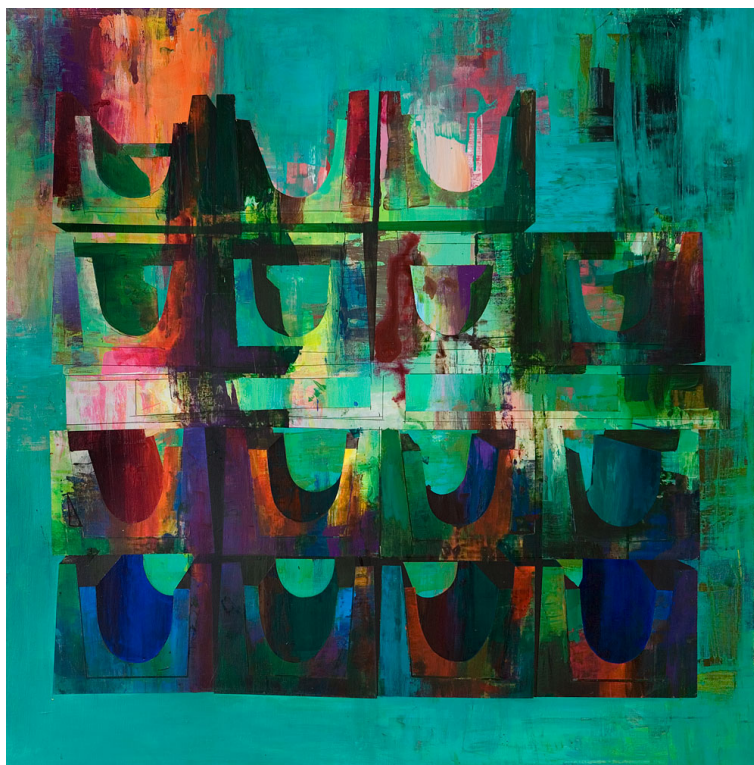
A obra *Diferença e Repetição*, de Gilles Deleuze (Deleuze, 2000), é referência para o debate e reflexão sobre a *repetição*, e aproveitada por variados investigadores de diversas áreas do saber. Permanece como obra importante para qualquer alusão à questão. Assim sendo, ao abordar a problemática da *repetição* na pintura de Victor Costa (no seu sistema artístico), assenta-se na interpelação de alguns dos conceitos discutidos e desenvolvidos por Deleuze.

Deleuze diz que:

em suma, a repetição é simbólica na sua essência; o símbolo, o simulacro, é a letra da própria repetição. Pelo disfarce e pela ordem do símbolo, a diferença é compreendida na repetição (Deleuze, 2000: 41).

Na obra do artista a forma como a *repetição* se apresenta pode sempre ser distinta pelas suas pequenas diferenças. As suas obras demonstram uma necessidade de desdobramento, sempre em forma de sequência, regenerando a forma inicial para que esta caminhe para uma desconstrução dela mesma. Aproxima a forma do informe, pois a composição desconstrói-se em vez de se compor, a expressividade sobrepõe-se a qualquer outro valor artístico e a pintura gera-se a si mesma. Victor Costa mostra como uma forma se desmaterializa e se renova numa sequência de trabalho.

Figura 3.
sem título,
sobre tela,
Fonte: Artista



Victor Costa,
2010. Acrílico
143x143cm.
Victor Costa.

A
que
tanto o ato
como o ser

repetição,
constitui
criativo
humano,

afirma a diferença, o que nos leva ao pensamento de Bloch (Bloch, 2005), pelo facto de que cada obra se projeta como inacabada permitindo a constante produção da novidade, está em ininterrupta composição, compreendendo e produzindo a diferença. E, por este motivo, pode ser pensada como um processo de transgressão e de esperança no devir.

A *repetição* no trabalho do artista caracteriza-se pela soma e pelo valor das diferenças. A *repetição* é singular.

“Sob o prisma da obra em processo, a produção de sentido configura-se nas operações realizadas durante a sua instauração” (Rey, Tessler, 2002: 129) evidenciando alguns conceitos que irão articular a produção prática com a teórica, sustentando e especificando o trabalho.

Já no campo do terceiro momento, em que o artista passa à prática tradicional da pintura com o uso da tinta acrílica sobre tela, a pintura de Victor Costa caracteriza-se pelo modo como cada superfície é preenchida e (re)coberta, pelo processo de acontecimentos que originam cada intervenção. Compreende cada possibilidade final da imagem como imagens de uma pesquisa, que constituem um único objeto de arte, como uma grande tela infinita.

Trata-se de uma construção centrada sobre o processo.

O ato criativo determina como fim abrir espaços e criar novos sentidos. A

transformação surge quando a diferença e o novo irrompem no sistema dado como pronto ou predeterminado, preconizando a *repetição* e seus afluentes.

Constatando o resultado final da obra, não podemos deixar de falar no valor visual do **padrão**, um dos afluentes da *repetição*. Tomando por base o objecto de cimento que observamos na Figura 1, a sua aparição modular nos estudos e na obra final origina, pela sua variedade e *repetição* no mesmo espaço, um *padrão*.

O *padrão* é o reflexo da soma dos processos modulares, ou seja, é um conjunto de vários módulos que subentende uma estrutura. É *repetição* dum código dando à obra um pequeno recorte de algo muito maior. E a sua montagem, e a sua organização segundo regras, padroniza a composição.

O *padrão* aparece aqui como prova da possibilidade de uma vasta combinação de variáveis visuais, temáticas e narrativas que tornam as obras da exposição onde esta peça se integra, diferentes entre si. O seu valor está justamente na composição de arranjos/combinções possíveis.

Poder-se-á dizer que, para cada obra final Victor Costa cria um *padrão*, originando que na variedade de obras presentes numa exposição se traduza num conjunto de padrões que reunidos criam a série que define o tema da exposição em causa.

O conceito parece bastante apropriado e de grande relevância, na medida em que, como foi referido acima, ao pensar-se a *repetição* pensa-se onde está a diferença numa imagem que apresenta sempre os mesmo conteúdos, à primeira vista. Nesta obra específica, onde está a diferença de bloco em bloco?

A resposta encontra-se na alteração de perspectiva, na mudança de cor dos diferentes planos internos de cada objecto, na plasticidade e textura aplicada a cada um, a diversidade na relação individual com o fundo envolvente, e ainda, a ausência de um objecto na parte superior direita cria uma diferença, a memória do objecto cria a sua localização. O que o artista pretende é descobrir e compreender o que se evidencia com o objecto repetido.

Conclusão

A pertinência na análise desta obra cinge-se à definição e apresentação dos processos na elaboração de um trabalho: interrogando sobre o aspeto da sua estrutura, situando o seu lugar e a sua função e/ou a sua perceção e representação no sistema

visual. Estudar atentamente a articulação sistemática das substâncias em causa, dar à sua própria heterogeneidade uma interpretação estrutural. É um descobrir da história das formas de Victor Costa e suas composições.

Recorrendo ao uso da tecnologia ou não, a arte foi sempre a produção de mundos fantasiosos, espaços alternativos ao mundo material existente. Mas, com a tecnologia, o mundo parece ter ganho a densidade de uma imagem.

Talvez se possa definir o processo operativo de Victor Costa como: a substituição da imagem, pela imagem de uma imagem. Será então esta proposta que subjaz à obra de Victor Costa: a criação da obra artística por meios tecnológicos digitais, para posterior produção da obra, pela obra de uma imagem? Possivelmente, trata-se duma obra sempre diferida, cujo destino é o de se (re)produzir indefinidamente num espaço de coordenadas mapeadas pelos estudos repletos de possibilidades infinitas.

Referências

- BLOCH, Ernst (2005) *O Princípio Esperança. Volume I*. Rio de Janeiro: Ed UERJ Contraponto.
- DELEUZE, Gilles (2000) *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água.
- PONTY, Merleau (1992) *O Olho e o Espírito*. Lisboa: Vega, 74.
- REY, Sandra (2002) *A colocação do problema: arte como processo híbrido*, In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (2002) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: UFRGS, 129.